

# Uma Linguística Aplicada das Línguas de Sinais no Sul Global e a formação do professor-pesquisador de Libras L2 no Brasil

*Applied Sign Linguistics in the Global South and the Training of Libras L2 Teacher-Researchers in Brazil*

**Paulo Jeferson Pilar Araújo**



[jefersonpilar@gmail.com](mailto:jefersonpilar@gmail.com)

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil.

**Alan Ricardo Costa**



[alan.dan.ricardo@gmail.com](mailto:alan.dan.ricardo@gmail.com)

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil.

**Analú Fernandes de Oliveira**



[analuu.rr.pls@gmail.com](mailto:analuu.rr.pls@gmail.com)

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR, Brasil.

## Resumo

Esta pesquisa enfoca as demandas emergentes no Sul Global, de modo amplo, e no Brasil, mais pontualmente, quanto a uma Linguística Aplicada das Línguas de Sinais (LALS), considerando as publicações (ainda iniciais) de uma Applied Sign Linguistics, nos termos de Napier e Leeson (2016). O objetivo é, pois, verificar de que modo a Linguística Aplicada figura no currículo de cursos de Letras-Libras e como a presença de problemas e temáticas próprias da área ensejam a consolidação de uma LALS brasileira. No que concerne à metodologia, de caráter qualitativo, elegemos a análise documental (Paiva, 2019), mais pontualmente a análise de cinco Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de Letras-Libras de universidades federais indicadas como bem avaliadas pelo Ministério da Educação. A partir do estudo realizado, (i) são discutidas lacunas por preencher nos currículos e na formação de professores de Libras; (ii) defende-se que a Libras, como língua minoritarizada, traz desafios para a formação docente, e que uma postura a ser adotada nos cursos de Letras-Libras deva ser a de professor-pesquisador; e (iii) esboça-se um campo de LALS sensível ao contexto de multilinguismo brasileiro, em sinergia com o prisma decolonial.

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada das Línguas Sinais; Letras-Libras; Professor-pesquisador.

## FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 21/12/2023

Aprovação do trabalho: 11/07/2024

Publicação do trabalho: 02/09/2024



10.23925/2318-7115.2024v45i4e64946



## Abstract

This research focuses on the emerging demands in the Global South broadly and in Brazil more specifically, regarding Applied Sign Linguistics (*Linguística Aplicada das Línguas de Sinais, LALS*, in Portuguese), considering the still nascent publications in Applied Sign Linguistics as defined by Napier and Leeson (2016). The objective is to examine how Applied Linguistics is incorporated into the curriculum of Libras (Brazilian Sign Language) programs and how the presence of issues specific to the field contributes to the consolidation of Brazilian Applied Sign Linguistics. In terms of methodology, with a qualitative approach, we chose documentary analysis (Paiva, 2019), specifically analyzing five Pedagogical Projects of Libras programs from federal universities recognized for their high quality by the Ministry of Education. From the conducted study, (i) gaps in curricula and Libras teacher training are discussed; (ii) it is argued that Libras, as a minoritized language, poses challenges to teacher education, and an advocated stance in Libras programs should be that of a professor-researcher; and (iii) a field of Applied Sign Linguistics sensitive to the context of Brazilian multilingualism is outlined, in synergy with a decolonial prism.

**Keywords:** Applied Sign Linguistics; Letras-Libras; Research professor.

### 1. Considerações iniciais

Os estudos linguísticos sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) têm obtido expansão considerável nos últimos anos após a aprovação de leis e decretos voltados para a comunidade surda, desde os anos 2000, e o fortalecimento de políticas linguísticas no cenário nacional. Com a criação dos cursos de Letras-Libras, tendo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como pioneira, a Libras e tópicos relacionados à educação dos surdos têm sido objeto de pesquisas, produzindo um corpo de conhecimento em consolidação.

No cabedal dessa expansão, as línguas de sinais (LSs) têm sido contempladas em quase todos os seus aspectos linguísticos, da fonologia ao discurso. O ensino e a aprendizagem de LSs mostram-se como o carro-chefe das pesquisas na área da Linguística Aplicada (Souza e Barcelos, 2016). No que diz respeito à formação de professores de Libras, a ênfase se mantém na educação dos surdos, mesmo que a demanda para a formação de docentes/instrutores de Libras para ouvintes seja crescente. Verifica-se, por exemplo, que grande parte dos cursos ofertados pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS) tem os ouvintes como público-alvo.

Interessa, neste ponto, conferir a presença e a proximidade dos programas de formação de professores de Libras como segunda língua (L2) com os pressupostos da Linguística Aplicada, encarada no presente artigo como (*in*)disciplina, isto é: (1) como área indisciplinar, transgressiva e híbrida, que não se restringe à disciplinarização do saber no que concerne às questões linguísticas

(Moita-Lopes, 2006; Paiva, Silva e Gomes, 2009; Leffa et al., 2020); e (2) como disciplina acadêmica, parte integrante de uma grade curricular (ou componente curricular) de cursos de Letras, que idealmente deve auxiliar os professores e os intérpretes de línguas de sinais em formação, bem como contemplar o desenvolvimento profissional frente a fenômenos pouco descritos na literatura da língua-alvo. Com efeito, uma Linguística Aplicada das Línguas de Sinais (doravante LALS) é ainda desejada, e já está sendo esboçada, por enquanto com tímidas publicações (e.g. Napier e Leeson, 2016; Mertzani, 2015; 2010). O objetivo deste artigo é, pois, contribuir com a conformação de uma LALS no Brasil a partir do estudo da forma como a Linguística Aplicada figura no currículo de cursos de Letras-Libras. Parte-se do seguinte pressuposto: o estudo de problemas e temáticas próprias da área nos referidos cursos de graduação, no Brasil, ensejam uma consolidação dessa possível LALS, designada em outros países como *Applied Sign Linguistics*, nos termos de Napier e Leeson (2016). Como metodologia, elegemos a análise documental (Paiva, 2019), mais pontualmente a análise qualitativa dos Projetos Pedagógicos de Curso-PPCs de alguns cursos selecionados e indicados como bem avaliados pelo Ministério da Educação (MEC).

O artigo está organizado como segue: na próxima seção discutimos a seara da Linguística Aplicada e seus avanços referentes às questões das línguas de sinais, em termos gerais. Na seção seguinte, nos ocupamos da presença da Linguística Aplicada, como disciplina curricular, nos cursos de Letras-Libras no Brasil. Passamos então à metodologia e à apresentação dos materiais analisados. Defendemos, logo após a seção de metodologia, a formação de professores com o perfil de professor-pesquisador. Para tanto, em outra seção, selecionamos como exemplo a possibilidade de integrar a pesquisa à formação de professores de Libras L2. Por fim, fazemos uma breve reflexão da necessidade de a LALS figurar de forma mais explícita no currículo de formação de professores de Libras.

## 2. Por uma Linguística Aplicada das Línguas de Sinais no Sul Global

Com um primeiro simpósio realizado em setembro de 2009<sup>1</sup>, a *Applied Sign Linguistics* tem figurado como campo de pesquisa ao lado da Linguística das Línguas de Sinais (*Sign Linguistics*)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> No *Centre for Deaf Studies* da Universidade de Bristol (Mertzani, 2010).

<sup>2</sup> Em versão traduzida do artigo de Mertzani (2015) os termos *Sign Linguistics* e *Applied Sign Linguistics* são traduzidos em decalque como “linguística de sinais” e “Linguística Aplicada de sinais”. A tradutora do artigo parece ter decidido pela tradução literal do inglês. Indaga-se se essa tradução será utilizada amplamente ou se os estudiosos da área

(Mertzani, 2015). No entanto, o que se observa na área é que uma LALS não figura da mesma forma que a Linguística das Línguas de Sinais como campo disciplinar. Os temas amplamente abarcados pela Linguística Aplicada no que concerne às línguas orais (LOs) se interseccionam com os Estudos Surdos e os Estudos da Tradução e Interpretação, por exemplo. A pouca proximidade por parte dos pesquisadores dessas áreas afins com as particularidades da Linguística Aplicada, propriamente, pode ser o motivo para textos introdutórios como o de Woll (2019), que deveriam tratar da relação da LA com os Estudos Surdos, mas acabam restringindo-se a uma apresentação básica sobre as línguas de sinais e a educação dos surdos, a modo de exemplificação.

Para além da obra *Sign Language Teaching and Learning* (Mertzani, 2010), que compilou 14 trabalhos apresentados no *Applied Sign Linguistics Symposium*, temos como uma das primeiras publicações robustas para a introdução de uma LALS o livro de Napier e Leeson (2016). A obra apresenta-se como pioneira, buscando reflexões práticas e implicadas dos estudos voltados para as línguas de sinais e os Estudos Surdos, bem como dos Estudos da Tradução e Interpretação, em uma área nomeada pelas autoras como *Applied Sign Linguistics*, na qual as línguas de sinais entram em ação.

Napier e Leeson (2016) apresentam o campo de estudo focalizando temas diversos da Linguística Aplicada, tais quais: identidade surda, comunidades de sinalizantes<sup>3</sup>, ensino e aprendizagem de línguas de sinais, além de outros tópicos de pesquisa na área. Para as autoras, os temas comuns à Linguística Aplicada sempre tiveram alguma relação com a área dos Estudos Surdos, inicialmente com questões sobre (i) a educação dos surdos, (ii) os estudos científicos das línguas de sinais e (iii) o perfil prático dos profissionais Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais (TILS)<sup>4</sup>. As autoras fazem, de certa forma, um paralelismo entre a Linguística Geral com a Linguística Aplicada, e a Linguística das Línguas de Sinais com a LALS. As autoras não aprofundam, contudo, a forma de delimitação do referido campo, em que a LALS se destacaria em relação com a Linguística Aplicada. À primeira vista, a LALS teria como particularidade o foco específico nos

---

adequação para “Linguística das Línguas de Sinais” e “Linguística Aplicada das Línguas de Sinais”. Buscamos adotar estas últimas por razões variadas, apresentadas ao longo do artigo.

<sup>3</sup> As autoras adotam o termo “comunidade de sinalizantes” (*signing communities*) no lugar de “comunidades surdas”, como encontrado na literatura, por incluírem com maior ênfase, além dos surdos, os ouvintes sinalizantes.

<sup>4</sup> Alguns estudiosos preferem a sigla TILSP para Tradutores/Intérpretes de Libras/Português. Adotamos a sigla TILS por entendermos que nem sempre apenas os pares Libras-Português estão envolvidos no trabalho dos TILS. No cenário brasileiro, marcado pelo multilinguismo, devemos considerar a possibilidade de haver outros pares de línguas orais e de sinais, como em contextos de migração e fronteira e de eventos internacionais (Bentes; Araújo, 2020).

fenômenos linguísticos, políticos e culturais das comunidades surdas do mundo. Pode-se indagar se essas temáticas já não são abordadas pela Linguística Aplicada.

Nossa perspectiva sobre o tema é a de que o debate sobre uma LALS é potente, mas deve ser feito de forma cautelosa, separada de associações diretas, tal qual a esquematizada a seguir:

**Figura 1.** Esquematização de uma visão condenável da correlação possível entre áreas.



**Fonte:** os autores.

O referido esquema é condenável não somente pela correlação simplista entre Linguística e Linguística Aplicada, como se esta fosse aplicação daquela, perspectiva antiquada e já superada, com base em ampla literatura da área (Moita-Lopes, 2006; Paiva, Silva, Gomes, 2009). O esquema em questão falha também em desconsiderar que uma LALS, enquanto área, deve ser conformada a partir da detecção de seus próprios problemas, impasses e lacunas (práticas e/ou teóricas). A direção seguida deve ser da identificação de questões de uso de linguagem em direção a subsídios teóricos em áreas de investigação relevante, e não o oposto, haja vista que a própria Linguística Aplicada, historicamente, conseguiu firmar sua autonomia, em meados dos anos 80, justamente seguindo esse caminho (Cavalcanti, 1986).

Nessa mesma linha de pensamento, assim como a Linguística Aplicada não deve ser concebida como mera aplicação de teorias linguísticas, uma LALS não deve resultar de transposição simplista de “Linguística Aplicada das LOs para as LSs”, cujas naturezas e especificidades devem ser consideradas e respeitadas. Defendemos que seja feito o movimento contrário: parte-se de reflexões e estudos de questões e problemas sociais onde as LSs tenham um papel central rumo a um possível apoio de inteligibilidades produzidas no âmbito da Linguística Aplicada e de áreas afins. Considerando esse direcionamento, um campo de LALS

mostrar-se futuramente uma subárea da Linguística Aplicada não é um problema, tampouco uma surpresa; espera-se, todavia, que esse entendimento seja fruto de amplo diálogo e tenha confirmação acadêmica a partir de um número substancial de estudos e trabalhos científicos.

Soma-se a esse imbróglio os desafios de pensar uma LALS em perspectiva local, sensível a cada contexto e em conformidade com as epistemologias do Sul Global (Silva; Lima, 2022), sem negligências às necessárias reflexões perpetradas pelos estudos decoloniais (Walsh, 2005; Quijano, 2005). Outrossim, discussões profícuas sobre uma *Applied Sign Linguistics* provenientes de diferentes países e continentes podem ser pertinentes aos estudos brasileiros para fins de diálogos horizontais e democráticos, compartilhamentos de experiências em pesquisa, e mesmo comparações de casos quando possível, mas jamais em caráter de obrigatoriedade ou “importação” de conceitos e perspectivas.

Ademais, um possível argumento para a necessidade de um campo de LALS no Sul Global, sobretudo no Brasil, pode ser a ainda moderada e relativamente recente proximidade entre a Linguística Aplicada e as temáticas próprias relacionadas às LSs no país. Para uma devida apresentação de um panorama brasileiro quanto ao tema, recorreremos a dois importantes estudos de estado da arte. O primeiro, de autoria de Paiva, Silva e Gomes (2009), apresenta uma visão geral da Linguística Aplicada a partir de periódicos nacionais e internacionais da área, abarcando os temas, as teorias e os métodos mais recorrentes no campo. No que diz respeito às produções acadêmicas nacionais, o *corpus* analisado pelos autores (composto de 691 artigos publicados em periódicos on-line entre 1996 e 2006), contou com apenas 2 trabalhos sobre LSs. Outros 45 trabalhos foram categorizados no eixo temático “Tradução e Interpretação”, mas não há garantias que versem especificamente sobre o caso de TILS ou de LSs. A considerar a existência de um outro eixo temático, de “Língua de<sup>5</sup> sinais”, muito provavelmente esses 45 trabalhos têm como escopo a tradução e a interpretação de LOs.

O segundo é o estudo de Souza e Barcelos (2016), que identifica em um conjunto de 46 periódicos brasileiros voltados para a Linguística Aplicada, entre 2009 e 2014, os artigos relacionados à Libras no escopo da área, seguindo os eixos temáticos do Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada (CBLA). As autoras identificam as temáticas em comum:

Por meio da comparação entre as publicações em periódicos e os eixos temáticos do CBLA, observamos as seguintes temáticas em comum: Análise do Discurso e Pragmática; Ensino e Aprendizagem de Língua Materna; Ensino e Aprendizagem de Línguas Adicionais;

<sup>5</sup> No trabalho dos autores consta “Língua dos sinais” (Paiva; Silva; Gomes, 2009). Optamos pelo uso da preposição “de”.

Formação de Professores; Letramentos; Linguagem e Tecnologia; Material Didático; Políticas Linguísticas; Sociolinguística; Tradução. Assim, nota-se que existem dez temáticas semelhantes entre as revistas e os temas do CBLA, verifica-se que a LIBRAS está se consolidando como um campo vasto para pesquisas na área de LA. (Souza; Barcelos, 2016, p. 861)

Não foi possível verificar, no entanto, quais aspectos a temática em comum – sobre formação de professores – era enfatizada, mas suspeitamos que seja com relação à formação de professores de Libras voltada para a educação dos surdos, tema considerado mais recorrente, a exemplo de Mertzani (2015). A referida autora indaga sobre os direcionamentos da área cunhada como “Linguística Aplicada das Línguas de Sinais” após o primeiro simpósio de 2009. Entretanto, nesse mesmo texto, Mertzani (2015) enfatiza a educação dos surdos e, também, não realiza um maior aprofundamento da institucionalização do campo de LALS.

Sopesando todo o exposto, neste artigo, adotamos o posicionamento de que conformar uma área de LALS pode conferir maior autonomia e visibilidade para uma língua minoritarizada<sup>6</sup> como a Libras, bem como aferir contribuições para questões diretamente atreladas a ela e outras LSs. Um campo diretamente favorecido por uma LALS seria justamente o de formação de professores de Libras, para ouvintes e surdos, mas muitos outros podem também ser beneficiados *a posteriori*.

Consideramos também que a temática da formação de professores de Libras ainda é pouco discutida, mas contempla uma boa expansão. Seja para conferir maior robustez teórica a essa discussão, seja para consubstanciar uma área de LALS no Sul Global, de modo geral, e no Brasil, de modo específico, defendemos que os temas já discutidos em Linguística Aplicada (geralmente designados Estudos Surdos, Estudos da Tradução e Interpretação das Línguas de Sinais, entre outros) sejam visualizados sob o mesmo termo guarda-chuva, isto é, a LALS, que se coloca na tarefa de encarar as LSs e as questões surdas na prática cotidiana da linguagem (Napier e Leeson, 2016), considerando o “glocal”, este conceito amálgama entre o global e o local. Com base em Kumaravadivelu (2006), Celani destaca que a forma glocal serve

para se referir ao global localizado, mais o local globalizado. É o amálgama. Trata-se do local em conjunção com o local. É o local modificado para acomodar o global, e ao mesmo tempo, o global modificado para acomodar o local (Celani, 2016, p. 552-553).

<sup>6</sup> Adotamos aqui o termo “minoritarizada” para enfatizar que a Libras e outras LSs não são línguas “minoritárias” em razão do número de falantes, mas em função das políticas de desprestígio que sofrem as LSs em geral, de modo semelhante ao que ocorre com outras línguas minoritarizadas, tais quais as línguas indígenas ou as línguas de imigração no Brasil.

Pensando nas possibilidades de uma LALS brasileira, vejamos qual seria a presença da Linguística Aplicada como disciplina acadêmica em cursos de formação de Letras-Libras.

### 3. A Linguística Aplicada e os cursos de Libras

No Brasil, os cursos conhecidos como Letras-Libras englobam duas modalidades: as licenciaturas e os bacharelados. A primeira modalidade objetiva formar professores de Sinais-Libras, enquanto a segunda forma TILS. Para as duas modalidades, a presença do professor de Libras é imprescindível. Os TILS em formação, além de adquirirem competência tradutória, precisam antes de tudo aprender a Libras com fluência necessária para o trabalho de tradução/interpretação (Alves, 2015). No processo de formação, tanto de professores de Libras quanto de TILS, fenômenos pouco conhecidos ou estudados na Linguística das LSs surgem como um desafio para a prática docente. Vale reportar a fala de Richard Kiely na abertura do I Simpósio de Linguística Aplicada [das línguas] de Sinais de 2009, citada por Mertzani:

O que me ocorre hoje é que, em termos de Linguística de Sinais Aplicada (*sic*), há um desafio muito grande. Sinto, ensinando inglês como língua estrangeira ou ensinando línguas estrangeiras, quando o trabalho começou há quarenta ou cinquenta anos atrás, a tarefa de descrever uma língua já havia sido feita; havia dicionários; havia gramáticas; que já estavam em voga há 100 anos. Me parece que vocês têm ao mesmo tempo o desafio de descrever a língua de sinais e tentar negociar padronizações, variação, etc., ao mesmo tempo em que tentam ensinar língua de sinais e os processos envolvidos. É um assunto muito complexo com menos atividade. (Mertzani, 2015, p. 55)

A citação de Mertzani permite interpretar que Richard Kiely toca em um assunto que se mostra delicado no desenho dos currículos dos cursos de Letras-Libras no Brasil. Nas licenciaturas, ao mesmo tempo em que ocorre a formação docente, com a preocupação didática e pedagógica, os formandos devem encarar a aquisição/aprendizagem da Libras como segunda língua, isto é, estudam a aquisição e a aprendizagem da língua ao mesmo tempo em que a adquirem/aprendem. Tal é a realidade para muitos alunos que ingressam nos cursos sem conhecimento prévio da Libras<sup>7</sup>. Para os bacharelados, além de adquirir competência tradutória, o desafio é formar TILS ao

---

<sup>7</sup> Christina Broglia Feitosa de Lacerda (c. p. para o primeiro autor) confirma que a criação do Bacharelado em Tradução e Interpretação em Libras/Língua Portuguesa-TILSP da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) foi pensada para TILSPs que já atuavam no mercado de trabalho, ou seja, já tinham fluência na língua de sinais, mas com as primeiras turmas, perceberam que a maioria dos alunos ingressantes iniciavam o curso com pouco ou nenhum conhecimento da Libras. Tal situação fez com que o currículo do curso fosse repensado para esses alunos, fazendo com que o desafio fosse duplo: ensinar a Libras ao mesmo tempo em que formavam TILSP. Podemos dizer, no entanto, que essa

mesmo tempo em que o aluno adquire proficiência na LS. As palavras de Kiely reverberam a complexidade da formação em Letras-Libras do futuro profissional.

Tanto para licenciados quanto para bacharéis a exigência é dupla e demanda atenção para a questão do próprio estudo linguístico, que é recente: formam-se profissionais de uma língua que apenas nos últimos anos tem sido devidamente contemplada com um corpo de descrição linguística minimamente acessível e organizado. Por exemplo, a Libras só teve uma primeira publicação de peso para seus aspectos linguísticos em 1995, com Lucinda Ferreira (2010 [1995]). Posteriormente, outras obras têm surgido como clássicas, como o volume de Quadros e Karnopp (2004), e mais recentemente a primeira *Gramática da Libras em Libras* (Quadros, 2021).

Essa particularidade está interrelacionada com os diferentes temas que atravessam o campo da Linguística Aplicada, dos processos de ensino e aprendizagem de língua às questões identitárias e de políticas linguísticas no âmbito social, incluindo problemas de letramento(s), leitura, interação e linguagem como prática social, entre outras (Moita-Lopes, 2006; Leffa *et al.*, 2020). Afinal, esse amplo leque de problemas e questões pertinentes à Linguística Aplicada não negligencia ou afasta-se das questões linguísticas; pelo contrário: considera esses temas pelo viés do aforismo de Moita-Lopes (2006, p. 22): “novos tempos, novas teorizações”.

Nesse ponto, não apenas ressaltamos a importância da presença da Linguística Aplicada como componente curricular na formação de profissionais professores de Libras ou TILS, mas também indagamos sobre sua essência: como são desenhados esses componentes curriculares? O que temos enquanto possíveis temas e tópicos de uma LALS? O que consta nas ementas dos componentes curriculares de Linguística Aplicada em cursos de Letras-Libras? Defendemos que o estudo dessas ementas pode possibilitar um melhor entendimento do histórico da área, de “onde viemos e para onde vamos” (Paiva; Silva; Gomes, 2009) no que concerne à Linguística Aplicada e a uma possível LALS.

#### 4. Método

Para verificar mais detidamente o percurso da formação de professores de Libras em seus aspectos relacionados à Linguística Aplicada, realizamos uma análise documental (Paiva, 2019)

---

particularidade não é restrita aos cursos de Letras-Libras, sendo comum também nas licenciaturas de línguas estrangeiras modernas (ou línguas adicionais) no Brasil.

preliminar da matriz curricular de algumas licenciaturas, a exemplo do trabalho de Rodrigues (2018) para os bacharelados em Letras-Libras nas universidades federais do Brasil. Para nosso trabalho, o foco foram as disciplinas teoricamente situadas na seara da Linguística Aplicada. Após consulta ao e-MEC, no ano de 2020, foram selecionadas as universidades federais com conceito de curso 5<sup>8</sup>. Foram pesquisados e consultados os sites de cada curso, e analisados os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs) quando disponíveis em seus websites.

Os cursos e suas informações essenciais estão na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1.** Disciplinas relacionadas à LA no currículo de cursos de Letras-Libras

Instituição	Curso/modalidade/início	Disciplinas relacionadas à LA conforme PPCs	Carga horária
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> 01/02/2014	- Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas	90h
		- Metodologia do Ensino de Língua Brasileira de Sinais como L1	90h
Universidade Federal de Alagoas - UFAL	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> 10/04/2014	- Metodologia do Ensino de Língua Brasileira de Sinais como L2	90h
		- Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas	72h
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> Presencial: 27/10/2006 EaD: 03/08/2009	- Metodologia do Ensino da Libras	72h
		- Português como L2 para surdo na modalidade escrita	72h
		- Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas	60h
Universidade federal do Maranhão – UFMA	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> 21/11/2014	- Ensino de Primeira Língua	60h
		- Metodologia de Ensino em Língua Brasileira de Sinais como L1	90h
		- Metodologia de Ensino em Língua Brasileira de Sinais como L2	90h
Universidade Federal do Paraná - UFPR <sup>9</sup>	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> 23/02/2015	- Aquisição de Segunda Língua	60h
		- Português como Segunda Língua	60h
		- Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas	60h
		- Metodologia do Ensino de Libras	60h
Universidade Federal do Amazonas – UFAM	<b>Letras-Libras</b> <b>Grau:</b> Licenciatura <b>Modalidade:</b> presencial <b>Data de início:</b> 01/02/2014	- Ensino da Libras como L1-I	90h
		- Ensino da Libras como L2-I	120h
		- Ensino da Libras como L1-II	90h
		- Ensino da Libras como L2-II	120h

**Fonte:** Os autores a partir de informações no e-MEC e Websites de cada curso.

<sup>8</sup> Uma análise mais minuciosa em que se leve em conta os cursos com conceito 4 ou mesmo todos os cursos é desejável, mas para fins de comparação, os cinco cursos com conceito 5 foram suficientes para uma análise preliminar. Ressaltamos ainda que o desenho curricular não muda tanto, levando em conta que muitos cursos de Letras-Libras seguem direta ou indiretamente o desenho curricular da UFSC, pioneira desses cursos no Brasil (Rodrigues, 2018). Existem, no entanto, particularidades regionais/locais ou de política acadêmica.

<sup>9</sup> A UFPR tem como disciplinas optativas: Português como segunda língua para surdos – I, II e III e Tópicos avançados em ensino de libras. Na matriz curricular de 2015 (Resolução 26/14 – CEPE), para os alunos que ingressaram a partir de 2015 na UFPR, existia uma disciplina de Estudos Linguísticos IV: língua e sociedade, sociolinguística, linguística aplicada, com carga horária de 60h.

O exame dos PPCs dos cinco cursos apresentados acima demonstra que todos compartilham disciplinas de ensino de Libras e Língua Portuguesa L1 e/ou L2. Quatro deles – UFAM, UFAL, UFPR e UFMA – oferecem uma disciplina com o título de “Linguística aplicada ao ensino de línguas”, enquanto a UFSC oferta disciplinas de ensino de L1 e L2 com cargas horárias de 90 e 120h. Essas mesmas universidades, fora a UFPR, ofertam ainda a disciplina “Metodologia do ensino de Libras”, variando apenas na nomenclatura. Indubitavelmente, a Linguística Aplicada está presente nos cursos de Letras-Libras (licenciatura), pelo menos as de Conceito 5, notadamente nos eixos voltados para o ensino de línguas.

Para uma análise mais detida da presença da Linguística Aplicada no currículo de formação de professores de Libras nessas cinco universidades, cotejamos a ementa da disciplina “Linguística aplicada ao ensino de línguas”, para uma melhor visualização da forma como a área é considerada em uma disciplina mais específica. Dos cinco PPCs só foi possível cotejar a ementa da referida disciplina dos cursos da UFAL, UFSC e UFAM. Infelizmente, a UFMA não disponibiliza seu PPC em site, e a UFPR não disponibilizam na íntegra seu PPC.

**Quadro 1.** Ementa da disciplina “Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas” em três universidades.

Universidade	Ementas
UFSC	Estudo de princípios de Linguística Aplicada e sua relação com o ensino e aprendizagem de línguas. A pesquisa em LA em diferentes contextos. Posicionamento crítico e interativo quanto ao processo de ensino e aprendizagem, no que concerne os princípios fundamentais da LA. Atividades de prática como componente curricular.
UFAM	História da Linguística Aplicada no Brasil. Princípios de Linguística Aplicada e sua relação com o ensino e aprendizagem de línguas. Práticas de ensino de Libras: língua materna, primeira língua, segunda língua e língua estrangeira. Formação do instrutor e do professor de Libras. Objetivos da Psicolinguística num paradigma interdisciplinar entre a Psicologia e Linguística. Psicolinguística no contexto das ciências cognitivas, ciências computacionais e neurociências.
UFAL	Visão das relações processuais entre linguagem, globalização, cultura, identidade, imagem, novas tecnologias e processos interpretativos e tradutórios da Libras, tomando como ponto de partida os estudos da Linguística Aplicada e sua transdisciplinaridade com áreas como Antropologia, Sociologia, Educação, Estudos Culturais, Novos Letramentos e Multiletramentos e Linguística Aplicada Crítica. Reflexões sobre a pesquisa na área de estudos de línguas adicionais com enfoque na Libras, considerando-se o paradigma qualitativo e ético decorrentes de pesquisas de cunho intervencionistas. Bilinguismo: escolas e salas bilíngues.

**Fonte:** Os autores a partir do PPC das respectivas universidades.

Pelas três ementas observadas, confirmamos que os tópicos abordados são aqueles comumente tratados em Linguística Aplicada; no entanto, as referências indicadas como básicas ou complementares não condizem necessariamente com o que é posto na ementa. Por exemplo,

apesar de a ementa da UFAL ser a mais extensa, as referências são mínimas, três nas básicas e três nas complementares, com trabalhos voltados para surdez, bilinguismo e letramento. Já as ementas da UFSC e da UFAM têm em comum a indicação de duas referências em comum, a obra de Signorini e Cavalcanti (1998) e a tese de Gesser (2006). Nenhuma referência é feita mais diretamente às questões de LSs, considerando que não existem até o momento publicações em português que abordem a área de LALS. Verifica-se, com isso, uma lacuna bibliográfica compreensível e a necessidade de trabalhos futuros dedicados ao que Napier e Leeson (2016) propõem como LALS, porém a partir das demandas e especificidades do cenário brasileiro.

De qualquer modo, a Linguística Aplicada está presente em cursos de boa avaliação e a presença de disciplinas relacionadas a essa área nos cursos de Letras-Libras pode promover a continuação de estudos e pesquisas em nível de pós-graduação. Dos programas de pós-graduação em Linguística Aplicada no Brasil, conforme apontado por Magalhães (2019, p. 758), apenas o da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC São Paulo) menciona entre seus temas abordados o ensino de português para surdos e Libras L2. O PPG em Linguística da UFSC oferece entre suas linhas de pesquisa uma voltada totalmente para a Libras.

Em consulta não sistemática a outros cursos de Letras-Libras, surpreende o fato de uma boa parcela destes estarem voltados quase completamente ao ensino/aprendizagem da Libras e português L1 e L2 e ainda assim não terem desenvolvido no Brasil trabalhos mais diretamente relacionados a uma LALS. Podemos conjecturar que contribuem para esse cenário (1) o número reduzido de acadêmicos em alguns cursos de licenciatura em Letras-Libras, realidade de variadas instituições federais no Brasil, e (2) a opção dos acadêmicos por pesquisar em áreas outras, também necessárias e importantes, como a pesquisa em lexicologia e sinais-termo, por exemplo.

Talvez o termo guarda-chuva LALS poderia abarcar os estudos da Libras relacionados ao ensino/aprendizagem de línguas, tais quais bilinguismo bimodal, políticas linguísticas, letramentos de surdos, línguas de herança, línguas de acolhimento etc. No entanto, falta ainda focalizar a formação de professores e a identidade docente dos professores de Libras, abordado transversalmente ao ensino de línguas naquelas disciplinas. Para o caso dos futuros docentes de Libras, a formação acadêmica implica estar inserida em um campo em pleno desenvolvimento. Podemos dizer que os cursos Letras-Libras estão consolidados, apesar de ainda jovens nas universidades brasileiras (cerca de quase 20 anos). A criação de novos cursos nos últimos anos

aponta para a grande demanda da sociedade e pelas comunidades surdas por profissionais da Libras, licenciados e bacharéis.

Frente à realidade dos cursos de formação de professores de Libras, talvez o melhor caminho a trilhar seja o da formação de professor-pesquisador, priorizando o que Diniz-Pereira (2014) chama de “pesquisa na formação docente”. A formação do professor de Libras é perpassada pela descoberta de fenômenos linguísticos pouco explorados ou não descritos na Linguística das Línguas de Sinais, e está em total sinergia com a necessidade de uma LALS que emerge das realidades locais dos cursos de Letras-Libras. Pretendemos contribuir com tais questões na próxima seção, tomando a mesma linha defendida por Maciel e Shigunov Neto (2017) sobre o papel da pesquisa na formação docente.

#### 4. A necessidade da formação do professor-pesquisador

Não é incomum nas primeiras aulas das disciplinas de Libras, em cursos de licenciatura, alunos perguntarem se a LS com a qual estão tendo um primeiro contato “consegue fazer o mesmo” que a língua portuguesa (ou qualquer outra LO). Perguntas como “existe sarcasmo na Libras?”, “como o surdo faz um trocadilho?” e “a Libras tem fonema?” são recorrentes. O professor de Libras é instigado a se colocar como investigador do seu objeto de trabalho em tempo integral. Isso se dá por duas razões maiores: em primeiro lugar, a Libras, como grande parte das LSs do mundo, é uma língua minoritarizada. Em segundo lugar, diversos fenômenos já bem descritos para as LOs são ainda pouco conhecidos para o caso das LSs, por exemplo, a ironia (Mantovan; Giustolisi; Panzeri, 2019). Línguas que possuem uma tradição de descrição gramatical de séculos, a exemplo das línguas indo-europeias, são ainda objeto de estudos mais aprofundados, a diferença é haver uma tradição de estudos que embasem novos direcionamentos de pesquisa.

A Libras já conta atualmente com um dicionário trilingue (Capovilla; Raphael; Maurício, 2013) como maior referência, e com uma primeira gramática sinalizada na própria Libras (Quadros 2021), mas ainda aguarda por uma gramática descritiva aos moldes do *SignGram Blueprint* (Quer et al., 2017), guia proposto para a escrita de gramáticas de línguas de sinais. É de se esperar que o processo de formação de professores em cursos de Letras-Libras possua um caráter em que, ao mesmo tempo que ensinada, seja estudada, descrita e repensada, o que exige pesquisa.

Com essa perspectiva, abrimos a discussão para a relação entre ensino e pesquisa e a formação do professor-pesquisador. Maciel e Shigunov Neto (2017, p. 85-92) elencam três tendências pedagógicas que influenciaram e ainda influenciam as orientações políticas na formação de professores: a Tendência Pedagógica Tradicional, a Tendência Escolanovista e a Tendência Progressista Crítica. Das três tendências, a Progressista Crítica é a que mais se aproxima das propostas dos autores por defender o papel reflexivo na formação docente, cuja necessidade já é indicada desde a década de 1990, a partir da necessidade

[...] de o professor gerar conhecimento novo sobre a sua prática docente. E o que significa gerar ou produzir conhecimento novo? Significa que “é necessário conhecer o objeto e, para tal, é indispensável que o professor investigue o seu próprio fazer e desenvolva ações que também envolvam os seus alunos nessa direção formativa” (Maciel, 2002, p. 30). (Maciel; Shigunov Neto, 2017, p. 92)

Os autores, por fim, elencam quatro grupos distintos que tratam da relação entre ensino e pesquisa, identificando-os com letras alfabéticas: A, B, C e D.

O grupo A, defendido por Foster (1999), “advoga a ideia de que a atividade de ensinar exige habilidades distintas da atividade de pesquisa” (p. 14). Isto significa afirmar que o professor e o pesquisador têm trajetórias definidas e que cada um deve desenvolver saberes específicos, “compatíveis com o exercício de cada uma dessas funções” (p. 14).

O grupo B, defendido por Stenhouse (1975), Schön (1983, 1987), Cochram-Smith e Lytle (1999), diverge da posição do grupo A. Estes autores defendem a “pesquisa como elemento essencial no trabalho docente” (p. 15). Portanto, o currículo dos cursos devem (sic) estar voltados para a preparação do professor, também, em pesquisa, de tal forma que consiga identificar os problemas que emergem de seu ensino.

O grupo C, defendido por Zeichner (1993), Perrenoud (1993), apresenta um posicionamento diferente, pois considera que “a pesquisa pode ter um papel relevante na formação de docentes, mas não se constitui no elemento central desse processo” (p. 18). Os argumentos desses autores estão fundados em uma questão que não podemos deixar de considerar, pois afirmam que a importância da pesquisa dependerá de dois aspectos: do conteúdo e da forma de participação dos investigadores.

O grupo D, defendido por Huberman (1999), apresenta uma outra perspectiva de discussão, pois considera que “não se trata de transformar os professores em pesquisadores, mas de realizar um trabalho conjunto entre professores e pesquisadores, o que representaria um ganho para ambos” (p. 21). Portanto, trata-se de um trabalho desenvolvido em parceria, de forma colaborativa em que professores e pesquisadores encontram-se enajados. (Maciel; Shigunov Neto, 2017, p. 93-94)

Os autores veem as diferentes concepções sobre a relação entre ensino e pesquisa, aparentemente sem consenso, como oportunidade para reflexão dessa mesma relação. Eles trazem ainda uma rápida discussão sobre o futuro da integração entre ensino e pesquisa na formação do professor-pesquisador, enfatizando que o processo e os resultados (conhecimentos produzidos?) sejam socializados (Maciel; Shigunov Neto, 2017, p. 95).

Enquanto tal debate sobre a relação entre ensino e pesquisa parece ser questionável em relação a objetos de estudo já consolidados, o que dizer sobre aqueles em consolidação ou emergentes? Esse é o caso da pesquisa e do ensino de línguas pouco ou não descritas, em outros termos, das línguas minoritizadas, como as LSs. À luz do entendimento da Libras como língua minoritizada, compreende-se a razão de uma LALS ser ainda pouco representada/representativa na academia. Em um número dedicado a cinco línguas minoritizadas da Europa, no periódico *AILA Review*, Cenoz e Gorter (2008) atentam bem para a relação de línguas minoritizadas com a Linguística Aplicada:

Com poucas exceções, o uso de línguas minoritárias na educação e na pesquisa tem tido pouco impacto no campo da Linguística Aplicada. Entretanto, há vários motivos para focalizar as línguas minoritárias na educação e entre tantos podemos mencionar os seguintes: (i) o amplo uso de línguas minoritárias no mundo hoje em dia; (ii) a contribuição dos falantes de línguas minoritárias para o multilinguismo; e (iii) a potencial contribuição do uso das línguas minoritárias na educação em áreas de pesquisa da Linguística Aplicada. (Cenoz; Gorter, 2008, p. 5-6)

Iremos nos deter, pois, sobre o terceiro motivo. Os artigos compilados no número da *AILA Review* abarcam estudos sobre a educação em cinco línguas minoritizadas: o basco, o catalão, o irlandês, o galês e o frisão. Afora as particularidades dessas cinco línguas, todas compartilham de um mesmo contexto, dentre outros: (i) questões de padronização; (ii) estatuto legal e promoção; (iii) produção de material de ensino; (iv) disponibilidade de professores capacitados para o ensino da língua; e (v) os contextos sociais de diferentes culturas (Cenoz; Gorter, 2008, p. 8-9). Trazendo esses aspectos para as LSs, observamos alguns desses critérios se aplicam indiscutivelmente: (i) as LSs carecem em sua grande maioria de políticas de padronização, pois a falta de um alfabeto em comum dificulta essa padronização<sup>10</sup>; (ii) mesmo com o reconhecimento recente em alguns países, nenhuma LS recebeu o estatuto de língua oficial ou cooficial; (iii) a Libras tem recebido bastante atenção na produção de material de ensino, principalmente de instituições historicamente voltadas para a educação dos surdos como o Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) e a FENEIS; (iv) a criação dos cursos Letras-Libras, a partir de 2004, tem tentado sanar a falta de profissionais capacitados para o ensino da Libras; e (v) a cultura e as identidades

<sup>10</sup> Neste ponto, é importante frisar que sistemas de escrita como o *SignWriting* ou a Escrita de Línguas de Sinais (ELIS) são ainda sistemas de transcrição de sinais, muito mais do que alfabetos, conforme Hulst e Channon (2010).

surdas são ainda uma incógnita para muitos ouvintes que não têm contato com as comunidades surdas de suas localidades ou mesmo do Brasil (Gesser, 2012).

Um aspecto não apontado por Cenoz e Gorter (2008), mas implícito para o caso do ensino das LSs, é que essas são línguas jovens em relação às LOs, que possuem uma tradição secular de pesquisa acadêmica. Os pontos de (i) a (iv) são perpassados pelo fato de que muitos fenômenos linguísticos das LSs estão ainda sob escrutínio de linguistas. Por exemplo, a área da fonologia e fonética das LSs ainda é um desafio, se pensarmos que não existe até então um equivalente ao Alfabeto Fonético Internacional para as línguas de sinais<sup>11</sup> (Xavier, 2006), ou trabalhos de prosódia na produção da ironia (Mantovan; Giustolisi; Panzeri, 2019), ou processos marginais de formação de sinais na produção de trocadilhos (Bentes; Araújo, 2020) para ficarmos com apenas alguns casos. Em todos eles, pode ser profícua a presença e a atuação direta do professor-pesquisador, enquanto um linguista aplicado, um estudioso que foca o uso da linguagem na vida social (Moita-Lopes, 2006) e que opera na construção de saberes locais (Celani, 2016). Ademais, conforme aponta Moita-Lopes (2006, p.18), uma “teoria linguística pode fornecer uma descrição mais acurada de um aspecto linguístico do que outra”, mas pode ser ineficiente do ponto de vista de processos outros, como os de ensino e aprendizagem de uma língua, que podem estar sob contingências outras, que uma teoria linguística pode não contemplar, como aspectos sociais e psicológicos, por exemplo.

Retomando o desafio da LALS e os desafios dos cursos de Letras-Libras em buscar compreender a LS ao mesmo tempo em que formam seus profissionais (professores e TILS), a guinada desejada e inevitável é a de que professores de Libras se inclinem ao aspecto investigativo que é de trabalhar com indivíduos outros e uma língua de modalidade diferente, ou seja, visuoespacial, ainda carente de estudos condizentes com o estatuto que essas línguas têm na compreensão da linguagem humana (Sandler; Lilo-Martin, 2006). Destarte, os Núcleos Docentes Estruturantes dos cursos Letras-Libras devem levar em conta esse aspecto investigativo que a Linguística Aplicada assume diante das LSs, cotejando assim uma possível área de LALS.

Os processos de ensino e aprendizagem da Libras, como os de qualquer outra LS, vão esbarrar quase sempre em conceitos e categorias ainda em início de compreensão, o que, para a Linguística Aplicada, pode significar oportunidade de novas teorizações. Em uma seara de LALS, com base em Makoni (2003), entendemos que serão necessárias categorias analíticas tão

---

<sup>11</sup> Isto é, um Alfabeto Fonético Internacional de Sinais.

próximas quanto possível das percepções locais sobre a linguagem. E, nesse viés, mesmo temáticas amplamente aceitas na literatura da Linguística das LSs, tais quais a existência de sílaba na estrutura dos sinais e o parâmetro “movimento” como núcleo da sílaba (Jantunen; Takkinen, 2010), podem ser (re)pensados e postos em debate à medida que novos posicionamentos teóricos são adotados e mais dados de LSs são coligidos (Oliveira; Araújo, 2020).

Dos quatro grupos (A, B, C e D) elencados por Maciel e Shigunov Neto (2017), simpatizamos com os grupos C e D, mas o grupo B nos parece o mais adequado para um currículo na formação de professores pesquisadores de Libras L2 que contemple a especificidade de lidar com uma língua minoritarizada no Brasil, como a Libras. É desejável e urgente que a LALS figure bem mais explicitamente no currículo dos cursos Letras-Libras, e que o professor-pesquisador garanta essa figuração com sua prática investigativa sensível aos contextos locais e às práticas sociais ali efetivadas. Claro que um grande obstáculo é ainda a ausência de obras dedicadas à área no mercado editorial brasileiro, no entanto, a postura investigativa proposta por Napier e Leeson (2016) condizem com a particularidade da Libras e das LSs em geral<sup>12</sup>.

Uma LALS pode ainda contribuir com uma renovação do campo da Linguística Aplicada crítica e transgressiva no Brasil ao diversificar os nichos de teorização na interdisciplinaridade com os Estudos Surdos e com os Estudos da Tradução e Interpretação, todos eles, basicamente, campos de investigação bem mais recentes e ainda em consolidação. Justamente nessas áreas “novas” e não consolidadas, o papel de um professor-pesquisador (formado ou em formação) é almejado, seja para “consolidá-las” (no sentido de aprofundar discussões, registrar fenômenos linguísticos, analisar a língua em uso), seja para “inconsolidá-las”, mantê-las fluídas, em constante renovação (no sentido de acompanhar mudanças constante nas interações e práticas humanas em LSs, com uma abordagem sempre sensível ao local). Afinal, reiteramos, estamos debatendo um professor-pesquisador epistemologicamente orientado por uma LALS brasileira, decolonial, crítica, que idealmente “não quer adotar ou construir teorias sem considerar *as vozes*”<sup>13</sup> dos que vivem as práticas sociais”, que “compreende os novos tempos” e que é “INdisciplinar” (Celani, 2016, p. 546).

<sup>12</sup> Cabe enfatizar as LSs emergentes no Brasil (Araújo; Oliveira; Rodrigues, 2022), as LS indígenas e as LSs em contexto de fronteira ou migração (Bentes; Araújo, 2020).

<sup>13</sup> Grifo nosso.

## Considerações finais

A formação de professores de Libras no Brasil tem se expandido e merecido uma maior atenção por parte dos linguistas aplicados. O desafio desses profissionais é duplo quando, no curso de graduação, entra em jogo a necessidade correlacionada de (1) formar-se profissionalmente (incluindo aí questões identitárias e políticas) e (2) adquirir proficiência em uma língua sinalizada e minoritarizada, pouco descrita e com fenômenos ainda não suficientemente investigados. Tendo isso em vista, autores como Napier e Leeson (2016) propõem uma *Applied Sign Linguistics*, que entendemos ser pertinente, no Brasil, designar como Linguística Aplicada das Línguas de Sinais (LALS), em lugar de “Linguística de Sinais Aplicada”. Por certo, ao lado de uma Linguística Aplicada das Línguas Estrangeiras Modernas (Mertzani, 2015), precisamos de uma Linguística Aplicada das Línguas de Sinais, não por mera questão de paralelismo textual, mas, para muito além disso, em razão de todas as implicações conceituais e epistemológicas subjacentes ao conceito. Em especial, vale destacar o perigo dos prejuízos possíveis que o sintagma “Linguística de Sinais Aplicada” pode trazer aos estudos linguísticos contemporâneos, no sentido de permitir interpretações equivocadas quanto a uma possível aplicação da Linguística às LSs.

A consolidação de uma LALS é ainda esperada, o que poderá contribuir com outros campos que se interessam pela surdez e pelas comunidades sinalizantes, incluindo os Estudos Surdos e a Linguística das LS, que talvez melhor se entrelaçariam a partir da atuação direta de linguistas aplicados na área. Dentro dos cursos de Letras-Libras brasileiros, de licenciatura e bacharelado, a presença da Linguística Aplicada é ainda incipiente e focaliza notoriamente o ensino de Libras L1 e português L2 para surdos (Cf. Tabela 1), considerando que esses cursos são desenhados geralmente para a demanda do ensino da Libras L1 para a educação bilíngue. Uma possibilidade nesse cenário vislumbrado, portanto, seria o direcionamento da atenção para as particularidades das LSs por parte de estudiosos de uma LALS, ensejando assim um interesse maior dos professores de Libras em formação (acadêmicos de graduação) em temas e tópicos de estudo dos componentes curriculares de Linguística Aplicada relacionados com as LSs. Por conseguinte, tentamos contribuir com a formação de professores de Libras lançando luz sobre o papel da pesquisa e do professor-pesquisador, mas na perspectiva de Diniz-Pereira (2014), isto é, considerando a pesquisa “na” formação docente, e não apenas “sobre” ela.

Encerramos nossas ponderações com (1) a opinião de que o perfil desejado do professor de Libras é o do professor-pesquisador, o que demanda reflexões inerentes a outras questões,

mais amplas, relacionadas ao currículo e à aproximação entre os estudos voltados para as LSs com os temas próprios da Linguística Aplicada enquanto área de conhecimento; e (2) a certeza de que o debate não se esgota: uma LALS, sob o prisma decolonial, deve ser sensível ao contexto brasileiro, considerando minimamente questões locais de multilinguismo e políticas linguísticas, o que implica em uma vasta gama de estudos futuros.

## Referências

ALVES, F. Bases epistemológicas e paradigmáticas para a pesquisa empírico-experimentais sobre competências tradutórias: uma reflexão. **D.E.L.T.A.**, 31-especial, 2015, p. 283-315.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Línguas de sinais de fronteira: o caso da LSV no Brasil. Revista **Humanidades & Inovação**, v. 7, 2020, p. 125-135.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A.; RODRIGUES, E. O. 2022. Por que escrever gramáticas de línguas de sinais emergentes. **Domínios de Lingu@agem**, v. 16, p. 721-746. 2022.

BENTES, T.; ARAÚJO, P. J. P. **Possibilidades de tradução de trocadilhos de “Alice no País das Maravilhas” para a Libras**. In: BENTES, T.; NASCIMENTO, L. (Org.) *Perspectivas dos Estudos em Tradução e Interpretação*. Boa Vista: EdUFRR. 2020.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo DEIT-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (Libras) Baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. 2 vols. São Paulo, EDUSP, 2013, 2800p.

CAVALCANTI, M. C. A propósito da Linguística Aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, n. 7, p.5-12, 1986.

CELANI, M. A. A. Um desafio na Linguística Aplicada contemporânea: a construção de saberes locais. **D.E.L.T.A.**, n. 32, vol. 2, 2016, p. 543-555.

CENOZ, J.; GORTER, D. Applied Linguistics and the use of minority languages in education. **AILA Review**, 21(1): 5-12. 2008.

DINIZ-PEREIRA, J. E. Diferenças teórico-metodológicas e conceituais entre “pesquisa sobre formação docente” e “pesquisa na formação docente”. **Educação em Foco**, n. 23: 45-58. 2014.

FERREIRA, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 273p. 2010 [1995].

GESSER, A. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. São Paulo, Parábola, 192p. 2012.

GESSER, A. **“Um olho no professor surdo e outro na caneta”**: Ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de doutorado (Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.

HULST, H.; CHANNON, R. **Notation systems**. In: BRENTARI, D. Sign Languages. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

JANTUNEN, T.; TAKKINEN, R. **Syllable structure in sign language phonology**. In: BRENTARI, D. Sign Languages. Cambridge: Cambridge University Press. 2010.

KUMARAVADIVELU, B. **A Linguística Aplicada na Era da Globalização**. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parabola Editorial. 2006.

LEFFA, V. J.; FIALHO, V. R.; BEVILÁQUA, A. F.; COSTA, A. R. (Org.) **Tecnologias e ensino de línguas: uma década de pesquisa em Linguística Aplicada**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2020. 260p.

MACIEL, L. S. B.; SHIGUNOV NETO, A. S. 2017. **Formação de professores: a importância da pesquisa para a formação do professor pesquisador**. São Paulo, Edições Hipótese, 105p.

MAGALHÃES, J. S. de. A Linguística além da descrição, além do ensino, além de si mesma. **Calidoscópio**, 17(4), p. 753-764. 2019.

MANTOVAN, L.; GIUSTOLISI, B.; PANZERI, F. Signing something while meaning its opposite: The expression of irony in Italian Sign Language (LIS). **Journal of Pragmatics**, v. 142, p. 47–61. 2019.

MERTZANI, M. **Applied Sign Linguistics? A forming Discipline? The Teaching and Learning of Sign Languages**. Papers from the 1st Symposium in Applied Sign Linguistics, 24-26 September 2009. 1ed. Bristol: 2010.

MERTZANI, M. Quão longe fomos com a Linguística Aplicada de Sinais na educação de surdos? **Pro-Posições**, v. 26, n. 3(78), p. 41-58, set./dez. 2015.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NAPIER, J.; LEESON, L. **Sign Language in Action**. Londres, Palgrave Macmillan, 2016, 339p.

OLIVEIRA, A.; ARAÚJO, P. J. P. Problematizando o núcleo da sílaba na Libras: Movimento ou Ponto de Articulação? **Porto das Letras**, v. 6, 2020, p. 103-122.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola editorial, 2019.

PAIVA, V. L. M. O.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. **Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos**. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009.

QUADROS, R. M. **Gramática da Libras**. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUER, J.; CECCHETTO, C.; DONATI, C.; GERACI, C.; KELEPIR, M.; PFAU, R.; STEINBACH, M. **SignGram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing**. Berlim, De Gruyter, 2017, 824p.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. In: LANDER, E. (coord.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RODRIGUES, C. H. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Translatio**, n. 15, 2018, p. 197-222.

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and Linguistic Universals**. Cambridge: Cambridge University Press. 2006.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M. (Org.) **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas: Mercado de Letras. 1998.

SILVA, K. A. da; LIMA, S. de C. Internacionalização da Educação no Sul Global: Um diálogo com o Prof. Kleber Aparecido da Silva. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 179–196, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/8535> . Acesso em: 15 nov. 2023.

SOUZA, I. L.; BARCELOS, A. M. F. Onde está a LIBRAS? Uma reflexão sobre a Língua Brasileira de Sinais no cenário da Linguística Aplicada Brasileira. **Domínios de Lingu@gem**, v. 10, n. 3, p. 851-863, 2016.

WOLL, B. **Applied Linguistics from the Perspective of Sign Language and Deaf Studies**. In: WRIGHT, C.; HARVEY, L.; SIMPSON, J. (eds.), *Voices and Practices in Applied Linguistics: Diversifying a Discipline*. York, White Rose University Press, 2019, p. 51-70.

XAVIER, A. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira**. Dissertação (Linguística), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

WALSH, C. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. **Reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-yala. 2005.